

“Suplicantes”, de Elfriede Jelinek: a tradução do gênero em uma perspectiva feminista

“Suplicantes”, by Elfriede Jelinek: Gender Translation under a Feminist Perspective

Gisele Jordana Eberspächer
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba | PR | BR
gisele.eberspacher@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5195-980X>

Resumo: O objetivo deste trabalho é pensar a tradução do gênero gramatical na prática, fornecendo exemplos de estratégias de tradução que podem ajudar a lidar com gêneros não marcados no português. Para isso, parte-se do arcabouço teórico de gênero e tradução de autoras como Susan Bassnett, Luise von Flotow, Sherry Simon, entre outras, para refletir as implicações da não marcação e dialogando com debates atuais sobre a dimensão política do uso dos gêneros gramaticais no português brasileiro, como o de Raquel Freitag. Como exemplo prático, este trabalho apresenta um projeto de tradução do alemão para o português da parte inicial da obra *Die Schutzbefohlenen*, da escritora austríaca Elfriede Jelinek, com um projeto de tradução que mantém a abertura interpretativa do gênero não marcado presente no original em alemão – e apresentando as soluções encontradas no português.

Palavras-chave: tradução e gênero; estratégias de tradução; tradução de gênero gramatical; tradução alemão-português; Elfriede Jelinek.

Abstract: The aim of this paper is to think about the translation of grammatical gender in practice, providing examples of translation strategies that can help deal with unmarked genders in Portuguese. To this end, it draws on the theoretical framework of gender and translation of authors such as Susan Bassnett, Luise von Flotow, Sherry Simon, among others, to reflect on the implications of non-marking and dialoguing with current debates on the political dimension of the use of grammatical genders in Brazilian Portuguese, such as Raquel Freitag. As a practical example, this paper pres-



ents a translation project from German into Portuguese of the initial part of *Die Schutzbefohlenen*, by Austrian writer Elfriede Jelinek, with a translation project that maintains the interpretative openness of the unmarked gender present in the German original – and presenting the solutions found in Portuguese.

Keywords: translation and gender; translation strategies; grammatical gender translation; German-Portuguese translation; Elfriede Jelinek.

Um grupo de pessoas ocupa uma igreja em Viena em súplica: pedem para entrar com seus pedidos de refúgio, pedem dignidade enquanto seus casos são analisados. É um caso que permeou os textos jornalísticos, mas chegou aos palcos em 2013 com o texto da escritora austríaca Elfriede Jelinek, *Die Schutzbefohlenen*.

Com várias características textuais próprias, uma delas chamou atenção particularmente no processo de tradução do texto: o gênero gramatical. Escrito em primeira pessoa, o texto de Jelinek não apresenta flexão de gênero. Isso faz com que qualquer pessoa possa estar na posição de súplica, qualquer pessoa pode ocupar o espaço do refúgio. O resultado disso é que as encenações da peça tenham apresentado muitas diferenças, incluindo o gênero das pessoas que atuam nessa posição. O objetivo deste artigo é propor uma tradução do texto para o português brasileiro que permita essa mesma abertura interpretativa.

Para tanto, parto de um panorama dos momentos principais de debate do gênero nos Estudos da Tradução, passando pela perspectiva linguística de Roman Jakobson e pela Escola Canadense de Estudos Feministas da Tradução. Em seguida, apresento algumas das principais características do texto de Jelinek e do seu contexto de produção para chegar, ao fim, na apresentação do projeto de tradução, das estratégias usadas e no trecho inicial do trabalho realizado.

1 A questão de gênero nos Estudos da Tradução

Gênero já foi visto e debatido de diversas formas no campo dos Estudos da Tradução – afinal, se o debate sobre gênero de pessoas e gênero gramatical já rende várias discussões quando se trata de uma só língua, ele é multiplicado quando são duas línguas em relação. Para iniciar esse debate, apresento dois momentos centrais desta discussão: a versão linguística de Roman Jakobson e a perspectiva crítica feminista protagonizada por pesquisadoras canadenses a partir da década de 1980. Exponho, ainda, um desdobramento mais recente: a teoria queer, que também nos convida a rever o gênero em tradução.

Em “Aspectos linguísticos da tradução”, de 1959, Roman Jakobson defende que cada língua tem seus próprios aspectos gramaticais e estruturais. Quando a colocamos em tradução, ficamos limitados aos aspectos da língua de chegada, que podem ser diferentes dos de língua de partida. Isso ocorre principalmente, segundo Jakobson, no que as línguas “*devem*

expressar, e não naquilo que *podem* expressar” (Jakobson, 1975, p. 69). Um exemplo disso é o gênero gramatical – ilustrado no texto com o par inglês-russo, mas facilmente transposto para o par inglês-português. Em inglês, quando se fala *worker*, não se define o gênero da pessoa em questão, ao passo que, em português (assim como no russo), seria necessário escolher entre trabalhador e trabalhadora. Jakobson não indica como essa escolha poderia ser diferente, para que a presença ou ausência de gênero seja mantida na outra língua, mas afirma que, como os sistemas gramaticais das línguas são “dessemelhantes”, “achamo-nos confrontados com conjuntos completamente diferentes de escolhas binárias” (Jakobson, 1975, p. 69).

Jakobson se posiciona como contrário a uma noção de intraduzibilidade; ao contrário, defende que é possível traduzir mensagens como um todo, ainda que certos aspectos linguísticos precisem ser adaptados. E, mesmo a gramática sendo uma espécie de limitação ou restrição de cada língua, pode ser superada com a tradução. “Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por préstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (Jakobson, 1975, p. 67). Ou seja, por mais que não exista correspondência entre os códigos em si, é possível transmitir a mensagem em questão como um todo – mesmo em casos em que se operam mudanças de processos gramaticais da linguagem.

O autor também afirma que essas questões, por vezes tomadas como simples, fazem parte da “mitologia verbal” de uma língua e, nesse caso, “as categorias gramaticais têm um teor semântico elevado” (Jakobson, 1975, p. 70). Com isso, quer dizer que, apesar de ter sido considerada apenas uma questão formal, o gênero “desempenha papel importante nas atitudes mitológicas de uma comunidade linguística [...] As maneiras de personificar ou de interpretar metaforicamente os substantivos inanimados são influenciados pelos gêneros destes” (Jakobson, 1975, p. 70).

Apesar de levantar a questão do gênero e mostrá-la como relevante na construção de sentido, principalmente em textos literários, Jakobson não busca dar uma solução, exemplo ou mesmo indicação e sugestão de como pode ser trabalhada de outra forma. Suas ideias, ainda que defendam a possibilidade de tradução, foram muitas vezes usadas de forma redutora para argumentar que limites gramaticais existem e certas diferenças são intransponíveis na tradução.

A questão do gênero na tradução começou a ser questionada de uma maneira mais ampla a partir da década de 1980 por tradutoras e acadêmicas de regiões bilingues do Canadá. Esse grupo ficou posteriormente conhecido como Escola Canadense e inaugurou os Estudos Feministas da Tradução. Um dos questionamentos iniciais girou em torno de paradigmas linguísticos e tradutórios, se perguntando se a língua de fato pode ser vista à luz da normatividade de certas características (como a flexão de gênero) ou se ela pode ser mais flexível, permitindo que o processo tradutório se dê de outra forma. Mais do que isso: começaram também a se perguntar se a própria existência desses paradigmas não demonstra a manutenção de um sexismo estrutural no diálogo entre línguas.

Um dos primeiros textos a debater a tradução atrelada a questões de gênero é o ensaio “Gender and the Metaphorics of Translation”, de Lori Chamberlain (1992). A autora faz uma análise de termos usados na descrição da tradução, como “belas infiéis”, para defender que as próprias metáforas tipicamente usadas na descrição do ato de tradução são sexistas e mostram como há um paradigma masculino e hierarquizante por trás da prática e do pensamento sobre tradução.

Em sua época, o texto criou a base para outras pesquisas que buscavam aprofundar o tema. Um exemplo é o texto *Writing in no man's land: questions of gender and translation* (1992), da pesquisadora Susan Bassnett, que levanta como a discussão entre tradução e gênero já teve repercussões antes da fundação do campo de Estudos da Tradução e como vários autores e autoras fizeram avanços para descrever o processo tradutório a partir de outras perspectivas.

Essas pesquisas lançam muitas luzes sobre a relação entre gênero e tradução, de gêneros gramaticais ao gênero de quem traduz, passando por questões de gênero na própria definição do ato tradutório. Com esses questionamentos, o gênero das palavras deixou de ser uma questão puramente gramatical e se tornou também uma questão política.

O aspecto político do gênero na tradução também foi abordado pela pesquisadora indiana Gayatri Chakravorty Spivak, principalmente em seu livro *Outside in the teaching machine*, de 1993. Nele, a autora apresenta a linguagem, e conseqüentemente a tradução enquanto ato de linguagem, como um dos elementos que nos permite dar sentido às coisas e a nós mesmas, e portanto uma parte essencial da formação da identidade. Como tal, não é possível retirar a intenção do agente do processo de tradução. A partir disso, aponta que considerar a língua como indício do funcionamento da agência de gênero é a tarefa da tradutora feminista (Spivak, 1993, p. 179).

Outro trabalho seminal é o livro *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*, da pesquisadora canadense Sherry Simon. O trabalho chama atenção para a importância de se pensar o gênero na tradução, considerando a tradução como parte de um fenômeno cultural maior. Para Simon, quem traduz está envolvido em uma “política da transmissão” (Simon, 1996, p. IX), que inclui perpetuar ou contestar certos valores – como os gêneros gramaticais. Mais adiante, ao pensar o par francês-inglês, mostra como o uso do gênero gramatical pode ser importante para a construção de sentido do texto de partida e não pode ser deixado de lado sem questionamento. A autora defende, então, que cada tradução deve ser acompanhada de um projeto, um posicionamento de quem traduz, com uma explicitação dos procedimentos realizados no texto.

A pesquisadora canadense Luise von Flotow (1997) apresenta um estudo de caso relevante para pensarmos gênero e tradução. Preocupada com a tradução de brincadeiras linguísticas, como trocadilhos, principalmente quando usadas para fazer uma crítica feminista da própria linguagem, Flotow analisa a tradução alemã do livro *A Metaethics of Radical Feminism*, de Mary Daly, assinada pela tradutora Erika Wissenlinck. Flotow começa se debruçando sob o texto de partida e seu contexto de produção, mostrando o quanto as brincadeiras linguísticas não são gratuitas neste texto, mas parte essencial de uma proposta de crítica e transformação da sociedade e da linguagem. A pesquisadora parte, então, para um comentário sobre a tradução, identificando as estratégias mais frequentes. Entre elas, encontrou a tradução mais literal do sentido, mesmo quando isso implica um apagamento do humor e sua explicação em notas de rodapé. Flotow afirma que a tradução alemã não consegue dar conta de traduzir a proposta do texto de partida de maneira satisfatória. Ela defende uma visão de tradução como interação criativa e cooperativa e não uma aproximação suspeita e incerta (Flotow, 1997), na qual a tradução pode procurar referências e piadas na língua alvo que, mesmo provocando mudanças de sentido pontuais, mantenham um tom parecido com o inicial. Apesar de não discutir diretamente a questão do gênero gramatical em seu texto, Flotow argumenta que determinadas características linguísticas do texto de origem abrem espaço para projetos

de tradução que tragam mais diferenças entre os textos em um cotejo frase a frase, mas que mantenham um objetivo ou uma característica geral do texto de partida.

As pesquisas dos Estudos Feministas da Tradução chamam a atenção para o fato de não se poder tomar as características linguísticas formais como separadas do sentido e encerrar o debate no ponto “a língua é assim”. Línguas são mutáveis e carregam em si características e variações de seu tempo e, assim como os textos de partida levam isso em consideração, também as traduções devem fazer isso na língua de chegada. As autoras mostram que o questionamento de paradigmas linguísticos faz parte do processo de tradução.

Esse pensamento é levado adiante por diversas pesquisas recentes, encontrando um espaço frutífero para o questionamento do binarismo de gênero de pessoas entre os Estudos Queer da Tradução. Um dos livros que começa a ampliar o debate é *Queer in Translation*, organizado por B.J. Epstein e Robert Gillet (2017). Entre os temas debatidos, estão os diálogos entre diferentes noções de gênero e sexualidade de cada país ou cultura e como lidar com isso em tradução, a tradução de livros com temáticas, personagens ou autorias LGBTQIAPN+ e a relação destes aspectos com questões de classe ou cor.

Já a tese de doutorado de be rgb, *Nós, estranhes: estudos feministas da tradução e/m queer-cu-ir* (2023), apresenta uma crítica à concepção de gênero binário presente em parte da pesquisa dos Estudos Feministas da Tradução, além de fazer a análise da tradução do livro *Nightwood*, de Djuna Barnes, para o português, principalmente nos aspectos que dizem respeito a questões de gênero.

Outra pesquisa que merece ser ressaltada nesse campo é a publicação do dossiê *Não binariedade: uma identidade emergente no Brasil contemporâneo* da Revista Periódicus, que traz uma perspectiva brasileira para a pesquisa nesse campo.

Esta bibliografia fornece uma base para observarmos o gênero gramatical e identitário com mais cuidado na tradução. A partir de agora, partiremos para o outro lado do trabalho: o texto de partida para a tradução.

2 Sobre *Die Schutzbefohlenen*, de Elfriede Jelinek

A peça *Die Schutzbefohlenen*, da austríaca Elfriede Jelinek, foi publicada inicialmente em 2013 fazendo referência imediata a um episódio real: em 2012, um grupo de refugiados palestinos e afegãos em desespero se instalou na Votiv Kirche, igreja gótica e ponto turístico importante do centro de Viena, para suplicar que seus casos fossem considerados e que tivessem acesso a condições justas e dignas de vida e julgamento. No mesmo período, a cidadania austríaca foi concedida para outras pessoas influentes e ricas sem parentesco com o país – e a disparidade no tratamento entre refugiados pobres e famosos ricos foi divulgada por parte da mídia e serviu como *leitmotiv* do texto de Jelinek. O texto recebeu um Apêndice em 2015 e uma Coda em 2016 (ambos adotam um estilo semelhante à peça original, mas incluem referências a desdobramentos mais recentes, configurando uma espécie de atualização da obra). No momento de escrita deste artigo, o texto não conta com uma tradução publicada na íntegra para o português.

Um jeito de definir a peça é como uma súplica escrita em primeira pessoa do plural, em geral, e pontualmente do singular. Essas vozes falam sobre seus motivos para estarem ali, se indagam sobre para quem podem pedir intervenção e pedem, *suplicam*, que seus casos sejam considerados e possam permanecer ali. Muitas vezes pedem o mínimo para a digni-

dade humana. A repetição de temas e ideias, o humor irônico e desconfortável e o tom de súplica enfatizado com o uso de imperativos e perguntas – indicando que quem enuncia fala com alguém que não responde, pois a peça não apresenta um diálogo – criam um efeito de tensão crescente no texto.

A obra da Jelinek traz outra característica importante: a relação entre língua e política, forma e conteúdo. Isso ocorre com o entrelaçamento de referências, discursos e demais obras, o que faz com que seu texto se torne um encontro e diálogo de falas entre si, não necessariamente de figuras psicologicamente definidas. Tudo isso culmina em um formato denominado pela própria autora como *Textflächen* [superfícies textuais] ou *Sprachflächen* [superfícies de linguagem], termos bastante comentados e discutidos na fortuna crítica sobre a obra de Jelinek. “Trata-se de termos usados para denominar suas peças escritas sem distribuições de papéis, são ‘paisagens’ linguísticas de parágrafos compridos e aparentemente sem estruturação” (Bohunovsky, 2020, p.139). Materialmente, essa prática se concretiza em longos blocos de escrita, montados a partir da inclusão de outros textos ou discursos, costurados pela escrita da própria Jelinek. Ao isolar determinadas falas, fazer brincadeiras linguísticas (como trocadilhos ou ambiguidades) e juntar discursos de diversas fontes, Jelinek chama atenção para a linguagem usada na sociedade e provoca um diálogo ou aproximação entre textos, momentos ou contextos diferentes.

Depois de ter começado a traduzir *Die Schutzbefohlenen*, outro aspecto me chamou a atenção – a indefinição dos enunciadores. Isso se dá principalmente por dois motivos: a ausência da imagem de personagem (seja a introdução da personagem na peça por meio de uma apresentação inicial ou indicação de fala de personagem) e a ausência de flexão de gênero de enunciadores em primeira pessoa na maior parte do texto. Considerando-se a obra de Elfriede Jelinek, essas características não podem ser ignoradas. Desde suas primeiras obras, a escritora trabalha com noções de gênero atreladas a uma questão de classe, para ela indissociáveis, e faz uso de brincadeiras linguísticas, ambiguidades, repetições para fazer uma crítica social e uma crítica à própria linguagem. Em sua obra, o trabalho feito com a linguagem é parte central do próprio conteúdo. Não me estendo no tema por conta do espaço e escopo do artigo, mas mais pode ser visto na anotologia organizada por Andrea Katharina Heinz (2023).

Voltando para o texto em questão: o trecho traduzido e apresentado a seguir traz apenas uma flexão de gênero em “als letzter” [como último/como última pessoa], no qual o -er demonstra uma terminação masculina, que pode ainda ser pronunciada por uma mulher usando um masculino genérico no alemão, não sendo necessariamente uma indicação de gênero do enunciador ou enunciativa. O gênero não marcado se dá principalmente por uma característica linguística do alemão, que não faz flexão de gênero em adjetivos na primeira pessoa. Assim, esses enunciadores não recebem nomes, características físicas ou psicológicas ou uma aparência específica. Não sabemos quem é o “nós” do texto. Aliado ao fato de que o texto de Jelinek não apresenta algumas características típicas do teatro, como didascálias, definição de cenário ou lista de personagens, chegamos em um texto que deixa muito para a interpretação. Isso tem algumas implicações práticas: nas montagens, é necessário que a companhia faça escolhas quanto ao número e aparência das pessoas. Isso faz com que diferentes montagens difiram muito entre si; além disso, faz com que várias interpretações sejam possíveis: são homens ou mulheres?, são um grupo pequeno ou uma multidão?, qual sua aparência?, de onde vêm?, onde procuram asilo?, quem não concede o asilo? Isso cria uma certa universalidade da situação, o que é ampliado pelo fato do texto fazer uma referência à peça

As *suplicantes*, de Ésquilo, e mostrar como a questão do refúgio permanece presente na sociedade mesmo com a distância de mais de dois mil anos.

Em *As suplicantes*, Ésquilo narra a súplica de um grupo de mulheres que está sendo obrigado a casar com primos egípcios contra sua vontade, o que motiva a fuga e o pedido de refúgio. Elas se declaram como descendente de Io – personagem mitológica presente em vários escritos, entre eles *Metamorfoses*, de Ovídio. Io é uma jovem estuprada por Zeus (ou Júpiter), que a transforma em uma vaca para tentar encobrir o feito de sua esposa, Hera. Como vaca, Io vaga pelo mundo sem conseguir se comunicar com humanos. Ao se relacionarem a Io, alegam serem vagantes em suplício, sem encontrar a paz em seu próprio lugar, em situação de despertencimento por conta de sua condição. Se em *As suplicantes* as mulheres buscam uma filiação a Io, as enunciações de Jelinek buscam se desfiliar dessa imagem, recusar o papel de suplicantes eternos, e pedir uma solução para sua vida.

Em Ésquilo, também há uma certa indefinição das personagens, que se constituem como grupo, não como indivíduos. A indefinição continua na obra de Jelinek, mas de maneira exacerbada, já que nem a definição de gênero ou origem está presente. Com isso, a autora amplia as possibilidades de enunciação do próprio texto.

Outra semelhança, dessa vez com as *Metamorfoses*, é a representação dos deuses e dos poderosos. Em Ovídio, tanto no assédio de Dafne quanto no estupro de Io, os deuses são retratados como figuras poderosas, se sentindo com isso no direito de poder fazer tudo que quiserem sem qualquer tipo de consequência, a quem os outros podem apenas suplicar. Na peça de Jelinek, as súplicas também são dirigidas àqueles que parecem ter poder de determinar o destino das pessoas, mas essas figuras permanecem indefinidas, se confundindo entre deuses, políticos, ricos e influentes, quiçá até espectadores ou a população em geral, – que, da mesma forma, parecem não se importar com os enunciadores.

3 Projeto e estratégias de tradução

Como mencionado, a tradução do trecho inicial de *Die Schutzbefohlenen* se deu como exercício e prática de tradução da obra da autora como parte de outros projetos de tradução e de pesquisa de sua obra. Um dos aspectos que mais chamou minha atenção no processo de leitura do texto é a maneira com que, apesar de não ser um texto sobre gênero, ele se relaciona com questões de gênero, principalmente quando pensamos em sua tradução. Pela amplitude de interpretação do texto de Jelinek, evidenciada claramente pelos resultados e aparências das diferentes montagens do texto, me parece que fechar o texto no masculino genérico no português seria um fechamento de potenciais caminhos interpretativos, já que esta forma não é mais considerada tão genérica assim na língua – uma discussão apresentada, por exemplo, pela linguista Raquel Freitag (2024) no livro *Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro*, além dos artigos da antologia *Linguagem “neutra”. Língua e Gênero em debate* (2022), organizada por Fábio Ramos Barbosa Filho e Gabriel de Ávila Othero.

A partir desse questionamento, comecei a desenvolver um texto que permitisse uma amplitude de interpretações quanto ao “quem” enuncia o que do texto de partida. Descartando o masculino genérico, pensei inicialmente por soluções que perpassam novas formas do português dentro da linguagem não binária, como “@”, “x” ou “e”: assim, ao invés de cansado ou cansada, ou ainda cansados no plural masculino genérico, encontram-se varian-

tes como *cansad@*, *cansad@s*, *cansadx*, *cansadx*s, *cansade*, *cansades*. Essas são alternativas válidas e importantes para esse debate, e “x” ou “@” poderiam trazer saídas estéticas criativas e interessantes em uma encenação potencial. Mas, como Freitag (2024) levanta, essas formas designam gêneros não binários e usá-las como forma inclusiva ou genérica para se referir a todas as pessoas e gêneros linguísticos pode inclusive “invisibilizar outras identidades de gênero [que não masculina ou feminina]” (Freitag, 2024, p. 9). Fiquei então com o que me pareciam duas opções: 1 – A forma inclusiva (Estamos cansados, cansadas, cansades), que listaria as três opções sempre que o texto apresentasse uma flexão de gênero gramatical; ou 2 – uma forma que evitasse a flexão de gênero, jogando a interpretação desta característica para quem lê o texto. Ainda que a primeira opção também se apresente como uma saída válida, optei por fazer a tradução com o segundo caminho.

Partindo de uma primeira versão da tradução que não se atentava particularmente a questões de gênero e apresentava muitas ocorrências do masculino genérico, comecei a ver quais eram as palavras ou expressões que traziam concordâncias de gênero e como eu poderia evitá-las. As estratégias principais usadas para isso foram as seguintes:

- ◆ Mudança de classe de palavra: Como adjetivos e participios trazem a marca de gênero, transformá-los em verbos ou substantivos é uma opção para evitar a flexão em muitos casos. Os exemplos mostram as estruturas com gênero que apareceram em uma primeira versão da tradução e como ficaram depois de uma revisão com foco na questão do gênero: *Estamos vivos – Vivemos; Somos expulsos – Nos expulsam novamente*, e assim por diante.
- ◆ Acréscimo da palavra “pessoas”: isso faz com que a flexão de determinadas palavras seja feita com ela, e não um masculino neutro: *Aqueles que são espantados das margens dos córregos – Aquelas pessoas que são espantadas das margens dos córregos*.
- ◆ Acréscimo de outras palavras, dependendo do contexto: Algumas soluções são mais pontuais e específicas, mas mostram como o contexto de cada frase pode indicar saídas. Um dos exemplos é a expressão “*Wir dunkel*”: nós escuros, com um masculino neutro, seria uma opção mais imediata de tradução. Seria possível usar a palavra *pessoa* (“nós, pessoas escuras”), mas para evitar a repetição da estrutura e da palavra *pessoa*, chegou-se a outra solução: “*Nós que temos a pele escura*”. A palavra *pele* foi inserida então para mudar a concordância, mantendo o contexto da frase.
- ◆ Mudança de sujeito: Por vezes, optou-se pela mudança do sujeito da frase. Exemplo: “*von keinem Gericht des Volkes verurteilt, von allen verurteilt dort und hier*”, que poderia ser traduzido como “não fomos condenados por nenhum tribunal, condenados por todos lá e aqui”. Para a tradução dessa passagem, realizou-se a troca do sujeito de “nós” para “o tribunal” ou “todo mundo”: “nenhum tribunal nos condenou, mas todo mundo nos condenou lá e aqui”. A mudança de ordem sintática evita a concordância que indicaria a flexão.
- ◆ Opção por “você” no lugar de “senhor/a”: Outra questão foi a tradução do pronome de tratamento *Sie* do alemão, que também é uma questão formal da língua atrelada à questão de gênero. O *Sie* é usado em situações formais ou nas quais os falantes interagem em um contexto público ou de distância (em oposição a uma situação privada e íntima). Como pronome de tratamento, ele é na prática um pronome

de segunda pessoa, porém pode ser usado tanto para interlocutores homens ou mulheres ou até no plural, de maneira semelhante ao *vous* do francês ou ao *Lei* do italiano. Assim, é justamente essa característica que permite a interpretação de que a peça é dirigida a qualquer pessoa. O português, por outro lado, não apresenta marcas tão distintivas entre formalidade ou informalidade da fala, o que por si só já justifica a escolha de “você”. Além disso, “você” não flexiona o gênero como “senhor” ou “senhora”. Considerando que o nível de formalidade do português é mais flexível, optou-se pela forma *você*, que pode se direcionar tanto a homens quanto a mulheres. Há, ainda, a questão do número – optou-se pelo singular por acreditar que o impacto poderia ser maior.

- ◆ Substituição do pronome todos por todo mundo: O pronome todos é considerado um masculino neutro. Para evitar seu uso, optou-se, em geral, pelo pronome “todo mundo”, “todas as pessoas” e assim por diante.

É importante mencionar também que se buscou não marcar o gênero de quem enuncia o texto, assim como das pessoas a quem se dirigem, mas não do texto como um todo. Por vezes, o próprio original faz referências a pessoas externas (em terceira pessoa), como o intérprete (para o qual se usa flexão gramatical masculina) e assim por diante. Nesses casos, manteve-se o gênero na tradução também.

Outra observação importante é relacionada à tradução do título da obra. *Die Schutzbefohlenen* indica algo como pessoas que são protegidas. Para a tradução, optou-se por enfatizar a relação do texto com a peça de Ésquilo, chamando a tradução de “Suplicantes”. Isso aproveita-se também da neutralidade dos substantivos finalizados em -ante – ao se retirar o artigo, faz-se com que o título também não tenha marca de gênero. Importante ressaltar que a tradução mais estabelecida para a peça de Ésquilo em alemão é *Die Schutzfliehenden* (quem suplica por proteção), enquanto *Befohlenen* indica ordenado, mandado. Assim, Jelinek propõe um trocadilho com o nome da peça clássica, algo que não ocorre na tradução em português.

Ainda um ponto deve ser ressaltado: como descrevi meu processo de tradução do texto, narrei como cheguei nessas opções a partir de uma tradução feita em masculino genérico. Mas, claro, quando já se sabe de antemão que esta será a escolha de uma tradução, não é necessário passar por esta etapa. Ainda assim, deixo em destaque os trechos, palavras ou frases em que usei as estratégias mencionadas.

Sem mais, um trecho da tradução:

Die Schutzbefohlenen, de Elfriede Jelinek

Wir leben. Wir leben. Hauptsache, wir leben, und viel mehr ist es auch nicht als leben nach Verlassen der heiligen Heimat. Keiner schaut gnädig herab auf unseren Zug, aber auf uns herabschauen tun sie schon. Wir flohen, von keinem Gericht des Volkes verurteilt, von allen verurteilt dort und hier. Das Wißbare aus unserem Leben ist vergangen, es ist unter einer Schicht von Erscheinungen erstickt worden, nichts ist Gegenstand des Wissens mehr, es ist gar nichts mehr. Es ist auch nicht mehr nötig, etwas in

“Suplicantes”, de Elfriede Jelinek
(trad. Gisele Eberspächer)

Vivemos. Vivemos. O que importa é que *vivemos*, e não é muito mais do que viver desde termos deixado a sagrada terra natal. Ninguém baixou o olhar com misericórdia para o nosso comboio, mas todos lá em cima olham para nós aqui embaixo. Nós fugimos, nenhum tribunal nos condenou, *mas todo mundo nos condena lá e aqui*. O que era possível conhecer em nossas vidas já morreu, sufocado por uma camada de acontecimentos, nada mais é objeto de conhecimento, já não é mais nada. Já não é mais necessário

Begriff zu nehmen. Wir versuchen, fremde Gesetze zu lesen. Man sagt uns nichts, wir erfahren nichts, wir werden bestellt und nicht abgeholt, wir müssen erscheinen, wir müssen hier erscheinen und dann dort, doch welches Land wohl, liebevoller als dieses, und ein solches kennen wir nicht, welches Land können betreten wir? Keins. Betreten stehn wir herum. Wir werden wieder weggeschickt. Wir legen uns auf den kalten Kirchenboden. Wir stehen wieder auf. Wir essen nichts. Wir müssen doch wieder essen, wenigstens trinken. Wir haben hier so ein Gezweig für den Frieden, so Zweige von der Ölpalme, nein, vom Olivenbaum haben wir abgerissen, ja, und das hier auch noch, alles beschriftet; wir haben sonst nichts, wem dürfen wir ihn bitte überreichen, diesen Stapel, wir haben zwei Tonnen Papier beschrieben, man hat uns natürlich dabei geholfen, bittend halten wir es nun hoch, das Papier, nein, Papiere haben wir nicht, nur Papier, wem dürfen wir es übergeben? Ihnen? Bitte, hier haben Sie es, aber wenn Sie nichts damit anfangen, müssen wir das alles noch einmal kopieren, noch einmal ausdrucken, das ist Ihnen doch klar? O droben ihr Himmlischen, wir falten fromm die Hände, ja, ihr seid gemeint, schaut nur herab!, wir beten zu euch, ja, ihr, denen die Stadt und das Land und die leuchtenden Wasser der Donau wohl und auch ihr Strafenden in den Behörden noch wohler gehört: Ihr sagt uns einmal dies, und dann sagt ihr uns das, und nichts können wir gerecht werden, doch gerecht seid ihr ja auch nicht, ihr Engel plus du, lieber Himmelvater. Was sollen wir machen gegen euch?, ihr dürft alles, ihr könnt alles. Sie hier: Können Sie uns bitte sagen, wer, welcher Gott hier wohnt und zuständig ist, hier in der Kirche wissen wir, welcher, aber es gibt vielleicht andere, woanders, es gibt einen Präsidenten, einen Kanzler, eine Ministerin, so, und es gibt natürlich auch diese Strafenden, das haben wir gemerkt, nicht drunten im Hades, es gibt sie alle gleich nebenan, zum Beispiel dich, wer auch immer, dich, wer auch immer du bist, du, du, Jesus, Messias, Messie, egal, der du das Haus, das Geschlecht, alle Frommen bewahrst, aufgenommen hast du uns nicht, wir sind ja auch von selber gekommen, in deine Kirche gekommen, als schutzfliehender Zug, bitte helfen Sie uns, Gott, bitte helfen Sie uns, unser Fuß hat Ihr Ufer betreten, unser Fuß hat noch ganz andre Ufer betreten, wenn er Glück hatte, doch wie geht es jetzt weiter? Fast hätte uns die See vernichtet, fast hätten uns die Berge vernichtet, jetzt sind wir in dieser Kirche, morgen werden wir in diesem Kloster sein, dank dem Herrn Gott, dank dem Herrn Präsidenten, sie wurden eingesetzt, sie haben sich eingesetzt, doch wo werden wir übermorgen sein und danach? Wo wird uns ein Bett versagt werden, wo werden wir uns ein Bett erzwingen können, wo werden sie uns wieder rauswerfen, wo werden wir unsre eigenen Knochen vergraben können, das heißt, wer wird das alles machen?, wer wird das für uns tun? Wer wird dafür sorgen, daß wir Seienden auch erblickt werden, und das ohne

compreender nada. Tentamos ler as leis estrangeiras. Não nos dizem nada, não sabemos nada, *nos convocam, mas não nos esperam*, devemos comparecer, precisamos comparecer aqui e depois lá, mas qual país mais amável que esse, e não conhecemos nenhum, qual país nos diz "Entre!?" Nenhum. Ficamos aqui de pé, entre todos, sem saber o que fazer. Nos expulsam novamente. Deitamos no chão frio da igreja. Levantamos novamente. Não comemos nada. Mas precisamos comer de novo, pelo menos beber algo. Temos aqui estes galhos para a paz, galhos do dendezeiro, pegamos de uma oliveira, sim, e também temos isso, tudo cheio de rótulos; não temos mais nada além disso, por favor, para quem podemos entregar essa pilha, preenchemos duas toneladas de papel, recebemos ajuda, claro, e como suplicantes oferecemos o papel, por que não, os papéis não temos, só papel, para quem podemos entregar? Para você? Por favor, pegue, mas se não fizer nada com isso, precisaremos fazer as cópias novamente, imprimir tudo de novo, você sabe disso? Ó seres divinos no céu, devotamente juntamos nossas mãos, sim, vocês mesmos, olhem para cá!, nós rogamos para vocês, sim, vocês, que merecem ter a cidade e o campo e a água brilhante do Danúbio e ainda mais para vocês, torturadores pesados dos ministérios: uma vez vocês nos dizem uma coisa e na outra dizem outra coisa, e não conseguimos fazer nada certo, mas certos vocês também não estão, nem vocês, seus anjos, nem você, querido pai do céu. O que podemos fazer contra vocês? Vocês têm permissão para tudo, poder para tudo. Você aí: poderia nos dizer, por favor, quem, qual Deus mora aqui e é responsável por tudo isso, aqui na igreja nós sabemos qual é, mas talvez tenham outros, em outros lugares, existem presidentes, um chanceler, uma ministra, algo assim, e existem também os torturadores, isso já percebemos, não lá embaixo no Hades, eles também estão aqui perto, você, por exemplo, qualquer um, você, quem quer que você seja, você, você, Jesus, Messias, Messi, tanto faz, já que você protege a casa, a linhagem, a religião, você não nos acolheu, claro, viemos por conta própria, entramos na tua igreja, *um comboio de suplicantes*, por favor, nos ajude, Deus, por favor, nos ajude, nossos pés alcançaram suas margens, nossos pés já alcançaram outras margens, quando tinham sorte, mas como que vai ser daqui pra frente? O mar quase nos aniquilou, as montanhas quase nos aniquilaram, mas agora estamos nessa igreja, amanhã estaremos nesse mosteiro, graças ao senhor Deus, graças ao senhor Presidente, eles têm a força, eles se esforçaram, mas onde estaremos depois de amanhã e depois? Onde que um leito nos será negado, onde vamos conseguir obrigar alguém a nos dar um leito, *de onde nos expulsarão de novo*, onde vamos poder enterrar nossos próprios ossos, ou ainda, quem fará isso tudo, quem fará isso por nós? Quem vai se preocupar em fazer com que olhem para nós, que somos, e sem qualquer nojo? Aquelas pessoas

Abscheu? Die von des Bachs Ufern, des Meeres Küste, den Waldbüschen der Heimat Verscheuchten, wehklagend im Gram verlorener Heimat, verwirrt von deren urmütterlichem Zorn, die können Sie hier sehen, keiner rühmt sich hier, irgend jemand zu entstammen, es würde ihm auch nichts nützen, und wieso, bitte, wieso sind Sie hier auch zornig auf uns? Das verstehen wir nicht. Wir sind längst schmerz-befreundet, ja, aber was haben wir hier getan, daß Sie uns in Angst halten, Angst überall, Angst vor den Meinen, die ich verließ, daß ich wieder zurück muß, vor Ihnen aber noch mehr Angst, daß ich bleiben muß, daß ich nicht bleiben darf, jetzt geben Sie mir gleich recht, jetzt werden Sie mir gleich recht geben: Wenn Sie überall Angst haben, werden Sie sagen, warum sind Sie dann hergekommen? Um neue Angst zu haben, schon wieder? Nur jetzt in der Barbarensprache, die wir nicht kennen und nicht können, das ist ja immer so, wenn man woanders ist, unter Fremden, was geschieht jetzt, was geschieht nur jetzt? Wir rufen flehend in dieser Sprache, die wir nicht kennen und können, die Sie aber beherrschen wie sich selbst, außer Sie stehen an einer Bahnsteigkante und sehen uns, bitte bemühen Sie sich ein wenig, zu erfahren, was Sie niemals wissen können, bitte!

Schauen Sie, Herr, ja, Sie!¹, flehend wenden wir uns Ihnen zu, uns hat irgendwer gezeugt und irgendeine geboren, wir verstehen, daß Sie das überprüfen wollen, aber Sie werden es nicht können. Wo ein Woanders ist, dort wissen wir nichts, denn vielleicht ist alles ganz anders und ohnedies immer woanders, und dort ist unser Erkennen nichts. Man hat uns Videos geschickt, meiner Familie, als ich sie noch hatte, inzwischen alle tot, alle tot, kein einziger noch da, ich bin der letzte, mein alter Horizont nicht Gegenstand mehr, dem steht nichts entgegen, sie sind ja alle weg, alle tot, nur ich nicht, ich bin jetzt da, und was machen Sie mit mir? Ich bin da, was machen Sie jetzt mit mir? Der Horizont wird zum Nichts, am Gebirge endet er, das Meer ist ein Loch, ein Schlund, eine Schlucht, es ist doch keiner mehr da, es ist keiner mehr dort, nur ich bin hier und nicht dort, aber hier, angewiesen auf meine Erinnerungen, sind alle tot, sind woanders tot, sowieso tot, ich bin der letzte, ein hartes Los, ich klage es laut, ich habe das traurigste Los gezogen. Schauen Sie, da werden zwei unserer Verwandten geköpft, danach waren noch einige übrig, fotografiert mit dem Handy, solange noch Zeit war, jetzt sind sie es nicht mehr, es gibt sie nicht mehr, es gibt nur noch mich, aber dieses schwer zu enträtselnde Geschick, denn wieso machen

expulsas das margens dos córregos, dos litorais, dos arbustos das florestas, lamentando com pesar a pátria perdida, confundidas pela raiva de uma mãe ancestral, são esses que você está vendo, ninguém aqui alega ser descendente de alguém, e nem adiantaria nada, e por que, me diga por favor, por que vocês aqui também têm raiva de nós? Não estamos entendendo. Já conhecemos a dor faz tempo, isso sim, mas o que fizemos para vocês para que nos deixam com medo, medo em qualquer lugar, medo dos meus, que eu deixei, medo de ter que voltar, mas ainda mais medo de vocês, de que eu tenha que ficar, de que eu não possa ficar, agora você vai concordar comigo, agora você vai ter que concordar comigo: mas se você tem medo de tudo, você diria, por que veio para cá? Para ter medos novos de novo? Mas agora, nessa língua de bárbaros, que não conhecemos e não falamos, é sempre assim, quando estamos em outro lugar, entre estranhos, o que acontece agora, o que vai acontecer agora? Nós suplicamos nessa língua, que não conhecemos e não falamos, mas que você domina como domina a si mesmo, ao menos quando você está na beira de uma plataforma de trem e nos vê, por favor, se esforce ao menos um pouco para entender algo que você jamais terá que viver, por favor!

Hei, você, olhe aqui! Sim, você! Suplicamos para você, alguém nos concebeu, alguém nos pariu, e entendemos que você precisa verificar isso, mas não vai conseguir. Lá onde é um outro lugar, lá não sabemos nada, talvez esteja tudo diferente e de qualquer maneira é sempre outro lugar, e nosso conhecimento não vale nada lá. Nos mandaram vídeos da minha família, enquanto eu ainda a tinha, desde então *morreu inteira, morreu inteira, nenhumzinha das pessoas viva*, só sobrou eu, meu horizonte de antes já não é mais um objeto, não há ninguém lá para objetar, já eram, *morreu inteira*, só eu que não, agora estou aqui, e o que você está fazendo comigo? Estou aqui, e o que você está fazendo comigo agora? O horizonte se transformou em nada, se encerra nas montanhas, o mar é um buraco, uma garganta, uma goela, ninguém mais está aqui, ninguém mais está lá, só eu estou aqui e não lá, aqui, dependendo de minha memória, *morreu inteira, morta* em outros lugares, ainda assim *morta*, só sobrou eu, um destino cruel, grito lamentando, o meu é o destino mais triste. Olhe aqui, dois dos nossos parentes sendo decapitados², depois ainda sobraram alguns, tiraram fotos com o celular enquanto ainda havia tempo, mas agora já não existem, não há mais ninguém, só eu ainda estou aqui, mas esse é um

¹ *Herr* significa “senhor” em alemão – o que seria uma tradução viável. Porém, como optei por não usar a formalidade do tratamento presente no pronome *Sie* do alemão, optei também por não manter o *Herr* na tradução por uma questão de padronização do projeto. Ainda assim, vale ressaltar aqui que o uso da palavra traz uma ambiguidade possível – já que pode fazer referência a um interlocutor ou ainda a Deus.

² Aqui há uma marcação de gênero masculino em alemão mantida também no português.

Menschen das?, erlaubt mir nicht Aufenthalt hier, schauen Sie, ich zerfetze mir sofort meine geschenkten Jeans, meinen geschenkten Pullover, ich zerschneide auf der Stelle meinen geschenkten Rucksack, ich muß verrückt sein, die Sachen gehören doch jetzt mir!, ich lasse mich treiben auf unsichtbaren Wellen, aber nützt mir das was? Es nützt mir nichts! Zwei meiner Cousins sind einen Kopf kürzer gemacht, ich flehe zu Ihnen, ich weiß, das würden Sie mir nicht antun, das könnten Sie gar nicht, aber sprechen meine Cousins nicht für mich? Mit ihren zerschnittenen Hälsen und ohne Kopf? Spricht das nicht für mich, daß so Schweres ich erlebt habe, willst du uns nicht, ja, du? Wir dunkle, sonnenglutgewohnte Schar, wir kehrten dann um, bloß: wohin? Zu andren Erdumnachteten, Endumnachteten, überhaupt Umnachteten, alle, alles umnachtet, wo wir nicht sind, aber hin sollen, hin auch wollen, gibt es diesen Herrn Präsidenten oder was er ist, gibt es den Herrn, den allaufnehmenden? Nein, es gibt ihn nicht. Es gibt keinen Allaufnehmenden. Da könnte jemand eher das All bei sich aufnehmen als alles, als uns, nichts und niemand nimmt uns auf, das ist unerhört! Und unerhört bleiben auch wir.

destino tão difícil de desvendar, porque é que as pessoas fazem isso?, por que não me permitem ficar aqui, veja bem, eu rasgo na hora o jeans que me deram, a blusa, corto na hora a mochila que me deram, devo ter enlouquecido, as coisas são minhas agora!, deixo ondas invisíveis me levarem, mas isso me serve para algo? Para nada! Dois dos meus primos foram decapitados, eu suplico, eu sei que você nunca faria isso comigo, nem poderia, mas meus primos também não falam por mim? Com suas gargantas cortadas e sem cabeça? Isso não fala a meu favor, eu, que coisas tão terríveis vivi, você não nos quer, quer? *Nós que temos a pele escura, um grupo acostumado ao sol*, nós damos a volta, mas: para onde? Para outras terras loucas, outras terras poucas, sobretudo loucas, tudo, tudo louco para onde queremos ir, será que lá tem um senhor presidente ou quem quer que seja, existe um senhor, que aceite todo mundo? Não, não existe. Não existe alguém que aceite todo mundo. Aceitam o universo inteiro mas não aceitam a gente, mas ninguém e nada nos aceita, isso é um absurdo! É como se não conseguissem ouvir.

4 Considerações finais

Ao considerar uma perspectiva feminista nos Estudos da Tradução, recebemos um convite a ver a língua de outra forma – e isso inclui também repensar inclusive algumas estruturas gramaticais consideradas “obrigatórias” em uma língua dada. É o caso aqui: a opção mais automática provavelmente seria adotar o masculino genérico, o que certamente se mantém como um dos caminhos tradutórios para este texto. Porém, ao questionar opções, também nos deparamos com outros caminhos potenciais que nos mostram novas maneiras de lidar com o texto. Além disso, é uma maneira de ressaltar a faceta linguisticamente criativa do texto de Jelinek no contexto de chegada.

Não se busca, com essa tradução, impor algum paradigma específico ou ainda afirmar que essa é a única forma de se traduzir o texto. Se os caminhos da tradução já são vários, quando se acrescenta as possibilidades trazidas pela performance de um texto teatral, chega-se a um número grande de caminhos criativos em potencial. O objetivo era apontar a opção com o gênero não marcado como um caminho viável – e mostrar que não é mais necessário adotar o masculino genérico como o caminho inevitável do português. Entre o gênero não marcado e marcar o gênero de outras formas que não o masculino, como o feminino genérico ou o *Sistema elu*, por exemplo, as saídas se tornam múltiplas.

Referências

- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Linguagem “neutra”*. Língua e Gênero em debate. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.
- BASSNETT, Susan. Writing in no man’s land: questions of gender and translation. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 28, p. 63-73, jan. 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8751/10654>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- BOHUNOVSKY, Ruth. “Em caso de dúvida, sempre o cômico!”: o teatro de Elfriede Jelinek. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 23, n. 39, p. 128-157, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-88372339128>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *Rethinking Translation*. Discourse, Subjectivity, Ideology. London: Routledge, 1992. p. 57-74.
- EPSTEIN, B. J.; GILLET, Robert (Org). *Queer in Translation*. Nova York: Routledge, 2017.
- ÉSQUILO. As suplicantes. In: ÉSQUILO. *Tragédias*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras. 2009. p. 255-319.
- FLOTOW, Luise von. Mutual Pun-ishment? Translating Radical Feminist Wordplay: Mary Daly’s ‘Gyn/Ecology’ in German. In: DELABASTIA, Dirk (Ed.). *Traductio: Essays on Panning and Translation*. Manchester: St. Jerome Publishing; Namur: Presses Universitaires de Namur, 1997. p. 45-66.
- FREITAG, Raquel. *Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2024.
- HEINZ, Andrea Katharina (Ed.). *Geschlecht & Gewalt: Künstlerisch-wissenschaftliche Perspektiven*. Viena: Praesens Verlag, 2023.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- JELINEK, Elfriede. *Die Schutzbefohlenen, Wut, Unseres*. Hamburgo: Rowohlt Verlag, 2018.
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.
- REVISTA PERIÓDICUS. Salvador: Universidade Federal da Bahia, v.1, n. 10, 2024. (Dossiê – Não binariedade: uma identidade emergente no Brasil contemporâneo). Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/issue/view/2337>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- RGB, be. *Nos, estranhes: estudos feministas da tradução e/m queer-cu-ir*. 2023. 291 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PGET0561-T.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- SIMON, Sherry. *Gender in Translation*. Culture and Identity and the Politics of Transmission. London: Routledge, 1996.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Outside in the Teaching Machine*. Nova York: Routledge, 1993.